



SOCIEDADE ENTREVISTA

Lia Pappámikail

Socióloga

'Os pais devem dar espaço aos adolescentes'

Como os jovens conquistam a independência e qual o papel dos adultos nesse processo é o tema central do estudo da investigadora

POR CLARA SOARES E MARCOS BORGIA FOTO

Até quando se é adolescente? Em que circunstâncias e momentos se põe em prática a verdadeira autonomia? Lia Pappámikail quis perceber como se fazem, hoje, as transições para a vida adulta e entrevistou pais e filhos, em vários pontos do País. Os resultados, publicados em *Adolescência e Autonomia – Negociações Familiares e Construção de Si* (Ed. ICS,

€21, 300 págs.), derrubam ideias feitas sobre as novas gerações. Mais: sugerem que afirmar escolhas próprias, num contexto de dependência, é um bom sinal de crescimento.

> Qual o ponto de partida desta investigação?

Há um discurso na psicologia que remete para o conceito de conflito. Peguei nele e foquei-me na adolescência. Se o ninho não

se esvazia nem os jovens têm a expectativa de viver por sua conta quando atingem a maioridade, o que significa conquistar a autonomia? Parti para o terreno e entrevistei 18 pares de pais e filhos, em ambiente rural, urbano e de subúrbio.

> O que a surpreendeu mais nos resultados?

O processo de crescimento é vivido em diálogo. Porém, os recursos e apoios são muito diferenciados e não permitem as mesmas oportunidades. Ainda não há igualdade de género nas regras para saídas à noite e moral sexual. Os pais com mais qualificações já não têm um discurso de sexismo primário mas admitem diferenças de tratamento.

> Como se autonomizam os adolescentes?

Para saberem quem são, os jovens precisam de construir um universo íntimo e privado dentro de casa. É assim que constroem o fio condutor para a sua história e há sempre zonas de sombra nessa aprendizagem. Podem ser os posters na parede do quarto, a caixa



BI
SOCIÓLOGA

Lia Pappámikail nasceu em Lisboa e deve o apelido ao avô paterno, de origem grega. Aos 36 anos, é membro do Observatório Permanente da Juventude (Instituto de Ciências Sociais) e professora nas Escolas Superiores de Educação de Santarém e de Lisboa. Dedica-se, há 13 anos, à investigação nas áreas da família, juventude e políticas sociais. Em 2010, doutorou-se em sociologia com uma investigação sobre os processos de transição para a vida adulta. É casada e tem dois filhos, de 7 e de 2 anos.

sariamente, o controlo pela via do dinheiro que lhes pedem: «É para quê? Ah, então não dou.» Já as preocupações em torno da carta de condução parecem mais legítimas, porque comportam riscos reais. Basta ver as estatísticas das mortes e acidentes nestas faixas etárias.

> No seu livro fala de um registo de semiliberdade, que é ilusório. Porquê?

Os jovens vivem em coresidência, num sistema de gestão mista. Para alguns pais, a questão da liberdade não passa tanto pelo «se» mas pelo «quando». Uns adiam a liberdade para sair porque acham que os filhos devem esforçar-se para a conquistar, outros proclamam mas, depois, questionam se deveriam tê-los protegido tanto.

> Os receios dos pais são infundados?

Mais do que uma realidade, assistimos a um discurso sobre essa realidade. A estranheza e o pânico moral não são de agora. Há análises de discursos feitas em Inglaterra, quando apareceu a rádio. Era o fim, a juventude ia ser corrompida. O mesmo com a televisão e as novas tecnologias. Tendem a desqualificar as experiências das gerações seguintes, porque não as viveram assim.

> Os jovens da sua amostra têm um poder negociador efetivo?

Há uma ambiguidade no comportamento dos pais. Têm dúvidas, falta de referências acerca do que é melhor, até entre os casais. Mostram pouca assertividade no discurso educativo, porque não sabem. «Sai? Não sai? O que fazer?» Uns falam de cedência resignada, não querem ver os filhos excluídos do grupo de pares e acabam por alinhar no

que outros pais permitem. Como deixar ir à discoteca aos 13, em vez de irem só aos 15, porque os miúdos do grupo vão.

> Ir buscá-los à discoteca, por exemplo, é um problema de consciência ou superproteção?

Aí também há muitas dúvidas. Se todos o fazem às 3 da manhã, não é o filho que vai lá ficar sozinho. Uma mãe dizia-me: há muita informação sobre o primeiro ano de vida das crianças, daí para a frente é amorosismo. A experiência que tiveram está desatualizada para o agora, mas é apenas com ela que contam, e a dos amigos, também pais.

> Os pais não sabem gerir a margem de liberdade dos filhos?

Os miúdos têm bom senso. Encontrei filhos de desempregados que não pediam dinheiro por saberem que eles tinham pouco. É também uma forma de mostrar que se está a crescer. Eu não fui à procura de jovens maduros mas encontrei-os, muito conscientes do que se passa à sua volta. Há um discurso mediático que deprecia as novas gerações, porque não entendem, não percebem, nem nunca hão de viver o que elas estão a viver agora.

> Como preparar os adolescentes para a independência, no cenário atual?

As liberdades a conquistar são um teste que requer dos pais um voto de confiança. A responsabilidade pela própria vida treina-se antes dos 18 anos. Como? Deixar os miúdos gerirem o dinheiro que lhes dão e ver o lado positivo dos erros. Dar-lhes, gradualmente, espaço para saídas noturnas e perceber que voltam para casa, sem se magoar. No trabalho, vi jovens que, aos 15 anos, reflipavam por não poderem chegar da discoteca uma hora mais tarde, e, aos 18, deram razão aos pais, por lhes darem liberdade à medida.

> O que gostaria de dizer a quem tem filhos adolescentes, depois desta pesquisa?

Os filhos são bens afetivos das famílias. É legítimo que se queira protegê-los, mas é essencial que eles se tornem autónomos. E aqui não há modelos. Os pais devem dar espaço aos adolescentes, sem serem ultrapermissivos ou autoritários. E partilho o conselho de uma mãe: «Já percebi que, mesmo engolindo muitos sapos, a melhor estratégia é ouvir muito.» E não julgar. E o da filha, que diz: «Eu conto as coisas à minha mãe, porque sei que ela vai respeitar o que estou a viver.» ▣

de bilhetes de concertos debaixo da cama, a rosa que um namorado deu, ou os peluches oferecidos, que não são para tirar de cima da cama, porque seria uma traição. A autonomia é um conjunto de competências e valores que só são aprendidos se forem testados e cabe aos adultos respeitarem isso.

> E não respeitam?

O discurso é diferente das práticas, porque os adultos têm uma vida difícil, sem tempo. Ficam assustados e divididos, entre proteger e libertar. Hoje, há mais vigilância e consciência do risco. Mas o perigo do desconhecido é uma realidade residual. Não há mais perigos do que antes.

> Mas há mais controlo e segurança?

Muito mais! Porque há uma vigilância, até pelo telemóvel, mas, na realidade, isso não garante nada. Por exemplo, os pais temem as saídas noturnas como se durante o dia, e em casa, não pudessem acontecer as coisas que eles imaginam. Ou exercem, desneces-



Esta investigação procura perceber o processo de transição dos jovens para a vida adulta

Área: 867cm² / 87%

Tiragem: 110.500 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4726062